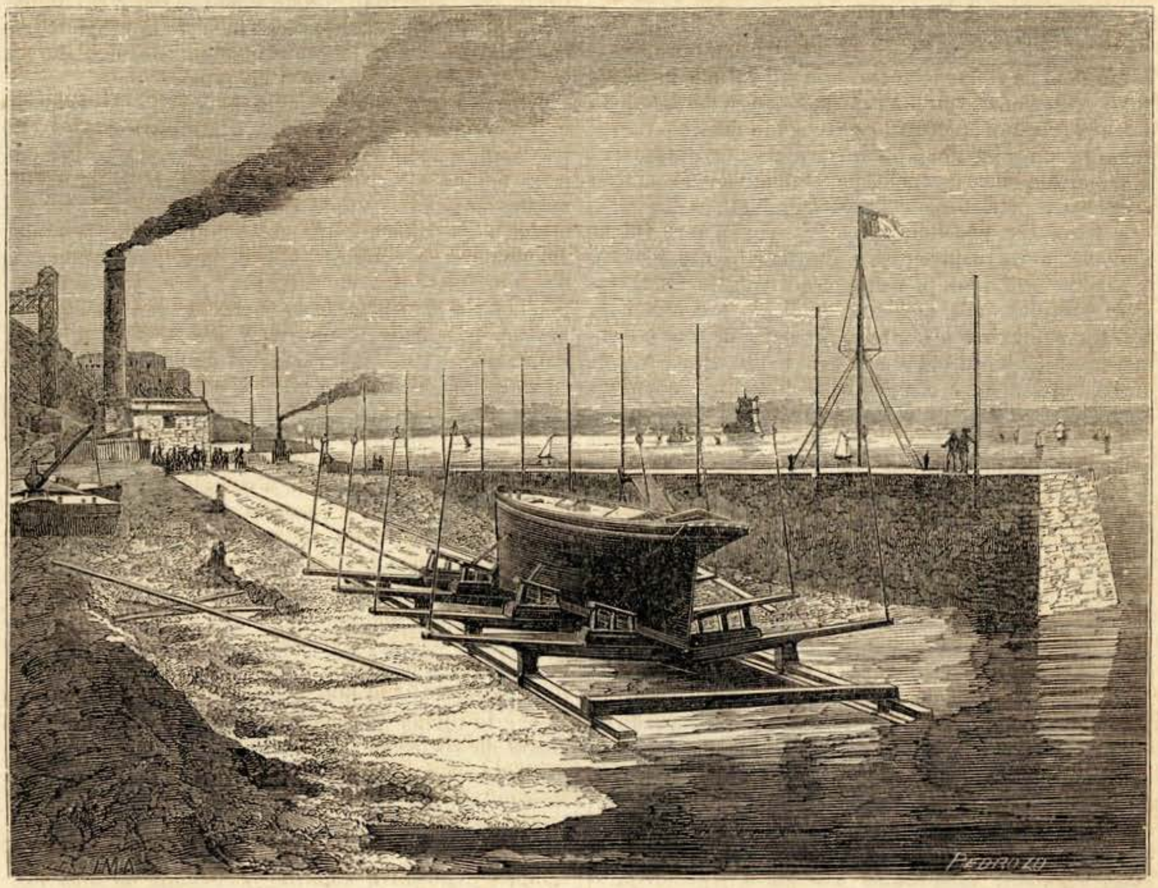


Plano inclinado para a querena dos navios

Lisboa tem uma das melhores bahias do mundo, como tal proclamada por nacionaes e estrangeiros. E por isso dizem os politicos de todos os tempos, que a natureza talhára esta cidade para capital da peninsula iberica.

Pela foz do Tejo entra arrogante o Oceano, fazendo amplo ancoradoiro para milhares de navios de alto bordo. Medem muitos kilometros de extensão as suas margens de norte e sul, mas desaproveitadas, na maior parte, e só ha pouco tempo se começou o novo caminho feito pelo atêrro da Boa-Vista [1].

Os projectos antigos, e os contratos modernos, para construir docas na margem direita do rio, não tem ido ávante.

Mas sobre tudo, o que mais vergonhosamente patenteia a nossa incuria e desleixo, era não haver sequer um plano inclinado, ou doca de querenagem, n'um porto tão frequentado de navios mercantes!

Segundo as ultimas estatisticas da alfandega, entram nos principaes portos do reino, annualmente, 4:000 embarcações. Em Inglaterra, França e Estados Unidos, calcula-se em 20 por cento os navios que na roda do anno necessitam de concerto. Ora em Lisboa, além do dique do arsenal da marinha, que poucas vezes se póde conceder ás embarcações da praça, não havia para a querena e reparo dos navios senão as barcaças de calafetar, que os alquebram e damnificam virando-os á força de cabos.

Deve-se, porém, ao sr. Antonio José de Sousa e Almada o haver já hoje no porto de Lisboa um plano inclinado, do mais aperfeiçoado e moderno systema.

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 313 do vol VI.

Representa-o fielmente a gravura que publicâmos, tirada de uma photographia, na occasião em que um navio subia o plano, alado a vapor.

Esta verdadeira doca de querenagem está optimamente estabelecida, ao sul do Tejo, no sitio de Porto Brandão.

Foi construida pelo bem conhecido engenheiro hydraulico Thomaz White.

É para dois planos inclinados; um capaz de receber navios de 3:000 toneladas; e outro para embarcações de 700. Este está concluido; e d'elle tem saído já alguns navios concertados.

O sr. Almada foi o principal emprezario; e, á custa de muitas fadigas e sacrificios, conseguiu pôr em exploração o segundo plano. Para estabelecer o primeiro, destinado a navios de maior lote, e assentar outro na cidade do Porto, vae formar uma companhia do capital de 500:000$000 réis, em 5:000 acções de 100$000 réis, vencendo o juro de 6 por cento durante a construcção dos planos.

É empreza de lucros seguros e avultados. O successivo incremento do commercio externo em ambas as cidades, que de anno para anno accusa o rendimento das alfandegas, e a exportação dos nossos productos agricolas, facilitada pelos caminhos de ferro, abonam já o futuro da nova companhia dos planos inclinados.

E sobre tudo, o porto de Lisboa, verdadeiro emporio maritimo da Europa, pela sua situação geographica, consegue o que lhe faltava para bem merecer o titulo que tanto o afama desde as nossas gloriosas navegações.

A. da Silva Tullio.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Conclusão. Vid. pag. 225)

X

Afastado da influencia directa e official nos negocios publicos se conservou Rodrigo da Fonseca durante todo o tempo em que Portugal esteve sob o dominio da revolução, dirigida no primeiro e mais tormentoso periodo da sua effervescencia, pelo talento e pelo coração generoso e patriotico de Passos (Manuel).

A revolução não mirára apenas, como uma vulgar e momentanea insurreição, a derribar os estadistas e o partido que desde a restauração constitucional haviam presidido aos negocios publicos, e contra cujo governo se haviam levantado, por parte de seus adversarios, suspeitas e imputações de administrarem com pouca severidade e economia os dinheiros da nação. Alcançava mais longe o tiro da revolução. Era o elemento democratico que vinha diante do throno, não pedir humildemente, mas impor como condição da paz e consequencia da victoria, mais desaffrontadas larguezas á popular intervenção nos negocios publicos, e graves restricções á prerogativa constitucional. Era a resurreição de 1820, escoltada pelas bayonetas numerosas da guarda nacional. Ninguem podia dissimular que era um conflicto entre o povo e a realeza, e d'ahi principiavam a datar as largas e tantas vezes sangrentas contestações entre a nação e o poder.

A constituição democratica, e, digâmos a verdade, impraticavel n'um povo por tantos annos acurvado ás instituições e aos costumes da monarchia absoluta, era o sonho eburneo dos mais fervorosos patriotas, os quaes se compraziam em idear uma republica democratica, circundada das apparencias da realeza e doirada com os reflexos duvidosos de uma dynastia quasi nominal. Uma unica assembléa legislativa, o veto negado ao rei, como attentatorio á soberania nacional, o poder eleitoral substituido na administração das localidades ao principio da delegação por parte da auctoridade real, taes eram os fundamentos em que muitos pretendiam firmar a nova sociedade politica, tal qual devia sair moldada das mãos omnipotentes da revolução.

É quasi inutil ponderar que Rodrigo da Fonseca devia ser adverso a estas que se julgavam indiscretas exaggerações do espirito liberal, e que não sómente os excessos da revolução deviam escandalisar o seu animo pacifico e essencialmente conciliador, mas tambem as doutrinas nimiamente radicaes o deviam achar pouco propenso a applaudil-as como prudentes e opportunas.

Reunido o congresso constituinte, a mais respeitavel assembléa politica de Portugal, depois das cortes de 1821, redigiu-se, debateu-se e approvou-se a constituição. N'esta assembléa tiveram assento alguns dos mais brilhantes engenhos oratorios da nossa segunda edade parlamentar. Alli appareceu pela primeira vez José Estevão, professando no ardor juvenil da sua imaginação indomita os principios arrojados de uma intratavel democracia. Alli accrescentou Garrett os seus loiros oratorios, e temperou com o poder da sua palavra a impaciencia dos que mal-soffriam a idéa de um senado, contrapesando no machinismo legislativo a sonhada omnipotencia da assembléa popular.

Votada a constituição de 1838, mais democratica certamente do que a lei fundamental decretada por D. Pedro, sob as suas bandeiras se congregaram muitos dos mais notaveis homens publicos que os desmandos revolucionarios trouxeram afastados do trato directo dos negocios. Ao predominio da politica exaltada e inquieta tendia a substituir-se a ordem no governo. Suspiravam todos por que se restaurasse a paz domestica, já desde muito conturbada. E tal era a preponderancia que o elemento conservador havia sabido conquistar, mesmo sob a influição do novo codigo politico, que, por 1840, organisando-se um novo ministerio, foi Rodrigo da Fonseca chamado novamente aos conselhos da coroa, desempenhando pela segunda vez o cargo difficil de ministro do reino.

Não descontinuava todavia o espirito de agitação a trazer inquietos os animos e a provocar frequentes conflictos entre a democracia e o poder. Foi por estes tempos que, succedendo uma sedição, promptamente suffocada, julgou o governo indispensavel recorrer ao parlamento, que então era reunido, pedindo, em nome da segurança publica, que parecia ameaçada, uma suspensão de garantias. Participavam os deputados da anciedade e das paixões politicas que lavravam na cidade e pelo reino. Foi tormentoso e memoravel o debate. Representante da idéa democratica, como caudilho e tribuno que era da revolução, erguia-se em frente do poder o vulto de José Estevão, então no maximo esplendor da sua palavra e no mais alto prestigio da sua popularidade. Cerrava-se com o governo para o defender e cercar de todos os apercebimentos necessarios á repressão das demasias populares o grande e poderoso talento de Garrett. Eram lastimosos aquelles tempos de provação e tirocinio, nem sempre incruento, da vida constitucional. Mas se alguma vez nos sentimos inclinados a absolver aquellas porfiadas e odiosas contenções, é quando recordâmos que sem ellas não teria a litteratura portugueza registado as mais eloquentes orações parlamentares; como se a arte divina da palavra exigisse em redor de si o chaos da sociedade para cinzelar no marmore bruto das paixões e dos odios partidarios as formosas estatuas da tribuna.

Apesar dos facundos e apaixonados protestos de José Estevão, a lei da suspensão foi decretada. A assembléa legislativa admirou o engenho do filho predilecto da tribuna, mas triumphou a necessidade de manter a paz e a ordem no paiz.

Era Rodrigo da Fonseca tão adverso, não diremos a abusar, mas a usar d'estas perigosas faculdades com que a salvação do estado investe ás vezes os que regem os destinos das nações, que a sua consciencia como que haveria escrupulisado de protrahir um instante apenas, além da estricta necessidade, a suspensão da menor immunidade constitucional. Confiava Rodrigo mais na discrição alliada com a publicidade, na prudencia temperada pela brandura, do que n'estas jactancias de força repressiva, que ás vezes tem por effeito apressar a explosão das paixões politicas, e provocar os conflictos que se poderiam evitar.

Suspendêra-se pela lei a liberdade da imprensa. O silencio decretado é o penhor menos fiel da segurança nos governos. Quando a palavra emmudece, lavra no mysterio a sedição. Quando o poder apaga por uma lei a luz que illumina a sociedade, as facções em desforço aproveitam as trevas para minar a seu talante os alicerces do poder.

Rodrigo da Fonseca, antes de ser ministro, era livre pensador, jornalista, orador, homem que estremecia a publicidade. Zelava as franquias do seu primeiro officio com este amor com que se prezam as tradições do berço e da familia. Ministro constitucional, faltaria á coherencia dos seus principios liberaes, embora moderados, se pela egoista commodidade de calar os seus contradictores viciasse uma das condições fundamentaes do governo representativo. Antes, pois, que terminasse o prazo por que era válida a suspensão de garantias, foi elle em pessoa implorar do parlamento, não, como outros sollicitariam em similhante conjunctura, a prorogação d'aquelle termo, mas a revogação da lei no que á imprensa particularmente respeitava. Raro e louvavel exemplo de quanto aquelle estadista,

verdadeiramente insigne, fiava mais da moderação e da lenidade que do rigor demasiado para alcançar a concordia e pacificação, do que ao diante foi incançavel e d'essa vez felicissimo promotor!

XI

Não podia a conciliação dos partidos e a repressão das violentas paixões politicas pender então do esforço e boa vontade de Rodrigo da Fonseca. Estava escripto que por alguns annos ainda se deviam dilatar as turbações civis, d'onde sairia, purificada de suas demasias e de seus inimigos, triumphante a liberdade.

O ministerio e a situação em que Rodrigo, no gabinete e principalmente na tribuna, representava a funcção mais importante, encaminharam-n'o ás combinações politicas d'aquelle tempo até se ir dissolver, restaurada que foi, em principios de 1842, a carta constitucional. Saiu então do poder o nosso benemerito estadista, e uma nova politica, inaugurada por uma nova revolução, preparou os acontecimentos dolorosos que por mais nove annos ou tingiram de sangue em lastimosos fratricidios os campos devastados de Portugal, ou mantiveram a apparencia da paz no meio dos odios e represalias dos partidos.

Em 1846, supplantada a situação politica por uma insurreição popular, e chamado a dirigir os negocios publicos o duque de Palmella, á frente de um ministerio progressista, julgou o governo que não devia desaproveitar os talentos e auctoridade pessoal de Rodrigo da Fonseca na pacificação de alguns districtos do reino, onde a ordem publica, como sempre succede após violentos abalos sociaes, não alcançára ainda sujeitar a quasi anarchia das povoações.

Foi Rodrigo da Fonseca nomeado commissario regio, com encargo de pacificar e submetter á legitima auctoridade alguns districtos, entre elles o de Coimbra, onde as juntas populares, instauradas na revolta, não haviam ainda resignado como inutil ou nociva a sua occasional jurisdicção. Era a missão difficil e perigosa. Receiava a revolução que seria desattendida em seus legitimos clamores. Em muitos pontos não confiava demasiado no gabinete. Temia que, desarmando-a, lhe frustrassem o intento que levára. Andavam os animos inquietos, temerosos, turbulentos. Pesou Rodrigo as difficuldades e riscos de tão ardua commissão. Podia ser lance de vida. Não hesitou em o jogar. Tão avezado era desde os annos juvenis a inclinar sempre a balança em favor de seu patriotico dever, contra o egoismo de seu interesse e segurança pessoal.

Partiu. Foi tão offensivo o recebimento que teve no districto de Coimbra, que, desenganado de que, embora immolasse a vida, não conseguiria o intento desejado, em breve retrocedeu, depois de haver estado a pique de ser sacrificado ao cego furor de indomitas paixões.

Seguiu-se pouco depois a guerra civil. Proclamada a junta do Porto, não pôde Rodrigo seguir a parcialidade insurgente, porque lh'o não consentia a supersticiosa lealdade que julgava dever ao throno constitucional.

Celebrada a paz, com intervenção armada de potencias estrangeiras, e aberto de novo o parlamento depois de tres annos que permanecêra silenciosa a tribuna e suspenso o governo representativo em Portugal, foram memoraveis as orações que Rodrigo da Fonseca pronunciou na camara alta (onde já desde alguns annos tinha assento) na larga e borrascosa discussão da resposta ao discurso da corôa. A historia dos ultimos annos, a critica dos successos politicos, o exame das administrações desde 1842, a questão entre as liberdades populares e o espirito reaccionario do poder, eram os topicos, de necessidade apaixonados, em que se accendiam os debates na imprensa e na tribuna. N'aquellas orações magistraes, como exemplares de boa, varonil e temperada eloquencia, admiraveis como luzeiros de bom senso politico e de moderado e verdadeiro amor á liberdade, deixou Rodrigo um dos mais incontestaveis documentos de que o fadára o nativo engenho para athleta da tribuna.

XII

Pouco tempo depois, a nova administração tinha por chefe o mesmo estadista que dirigíra os negocios publicos desde 1842 até ao movimento popular de 1846. O fermento dos annos já passados lavrou com intensidade crescente no paiz, onde os partidos não haviam deixado de continuar a agitação. Em 1851 uma nova insurreição muda a face politica do paiz. Forma-se um ministerio presidido por um general, cujas victorias pela causa liberal eram mais um titulo ao favor das multidões, quando a sua espada saía da bainha para resplandecer de novo ao sol da liberdade.

Poucos mezes depois de organisada a nova situação, é Rodrigo da Fonseca chamado ao ministerio do reino. Data d'esse tempo a remissão dos inveterados odios partidarios, a paz celebrada pelas facções até ahi intractaveis e exclusivas, agora resolvidas a collaborar sinceramente na consolidação das liberdades publicas e na obra de fundar n'este paiz governo civilisador e progressivo. Uma boa parte dos esforços coroados pela mais inalteravel tranquillidade, pelo accôrdo mais sincero dos partidos e pela pratica pacifica do systema rerepresentativo, deveu-a Portugal a Rodrigo da Fonseca. E a propria malevolencia que nunca desconheceu os dotes singulares e geniaes com que elle sabia exercitar a arte difficilima da conciliação e tolerancia, buscava ao menos dissimular os meritos do que era mais indole e temperamento que systema e artificio, denegrindo a prudencia com o nome de astucia, e representando o caracter do estadista no emblema satyrico de um carnivoro em fabulas e anexins, por suas manhas, protagonista habitual.

Durante cinco annos permaneceu Rodrigo da Fonseca no seu terceiro, ultimo e mais dilatado ministerio. Durante esse periodo continuou a ser no parlamento o mestre de oradores na correcção e primor classico da phrase, na amenidade de seu estilo, mais singelo que enfeitado d'estes desgraciosos e enredados arabescos que se usam agora, depois que uma especie de decadencia byzantina trocou pela grave magestade dos Hortensios e dos Ciceros a obscura, asiatica e insufflada rhetorica dos sophistas do Baixo-Imperio.

XIII

Caído o ministerio em 1856, retirou-se Rodrigo da Fonseca á vida particular, a repoisar o pouco tempo que lhe restava de existencia, cujos dias já então lhe andavam contados escassamente. Pouco depois principiaram de aggravar-se os achaques de que padecia, e de dia para dia se foram por tal modo exacerbando, que bem depressa lastimavam os seus amigos, lamentava, com poucas excepções, o paiz inteiro a falta de um homem que, no pequeno theatro de nossos interesses e dramas politicos, se podia em certa maneira pôr em parallelo com lord Palmerston, actor em maior e mais brilhante scena, mas não porventura superior a Rodrigo da Fonseca em engenho de estadista e predicados de orador.

Um dos grandes monumentos que deixou de si foi o legar a seus herdeiros o mesmo nome com que entrára a figurar na vida publica. Rodrigo da Fonseca se chamava ao levantar-se da obscuridade ás eminencias da fortuna, e Rodrigo da Fonseca baixou da grandeza ao pó do tumulo. As honras exteriores e distinc-

ções hierarchicas acharam-n'o sempre antes saciado que ambioso. Teve a gran-cruz de Christo, porque, dizem, a não pôde recusar sem que lhe tivessem á conta de orgulho o que era n'elle não direi modestia, mas escasso appetite d'estes malbaratados galardões. Foi do conselho de estado, onde a sua palavra, a sua experiencia e a sua grande auctoridade nos negocios o levaram sem favor.

Fez sempre sincera profissão de liberal, havendo para si que era a monarchia representativa a mais feliz expressão dos governos civilisados. Reprovou com egual aversão o absolutismo e a anarchia. De seus inimigos pessoaes nunca tirou outra vingança que não fosse a generosidade ou o perdão. Foi grande honrador de engenhos já canonisados pela gloria, ou d'aquelles que de novo se revelavam. Aos moços que se estreiavam com boas mostras do talento, animava e favorecia. Até aos proprios adversarios que mais o maltratavam e pungiam não deixava em aberto a divida do seu conceito, chegando a perdoar a virulencia de suas settas oratorias pelas eminentes faculdades com que vinham accommettel-o. Exemplo foi d'isto a admiração que sempre tributou á eloquencia e ao genio de José Estevão, se bem que em mais de uma requesta não fosse complacente com Rodrigo a musa parlamentar do famoso tribuno portuguez.

J. M. LATINO COELHO.

S. JOÃO DA FOZ

Ha quatro seculos, pelo menos, já existia uma pequena povoação de pescadores na margem direita do Douro, junto á foz d'este rio. Aquelle territorio constituia então um couto pertencente ao mosteiro benedictino de Santo Thyrso.

Vendo os religiosos que a aldeiasinha crescia de anno para anno, mandaram edificar no pontal, onde o Douro mistura as suas aguas com as do Oceano, um hospicio com sua egreja, para o qual foram viver dois frades, encarregados de ministrar aos pobres pescadores o pasto espiritual.

Foi o templo consagrado a S. João, e pela sua visinhança da barra, ou porque a aldeia já a esse tempo se chamasse da Foz, começou o povo a denominal-o *S. João da Foz*, nome que em breve se tornou commum á egreja e á povoação.

Apesar das diversas guerras que Portugal tinha tido com Castella, nunca pensaram os nossos monarchas em fortificar a barra do Porto. Confiados nos perigos e difficuldades que ella oppõe aos que a demandam, julgaram bastante essa defesa natural.

Quiz, porém, a nossa má estrella que o temerario rei D. Sebastião fosse sepultar nos areiaes de Africa a sua coroa real e a independencia d'esta nação.

Os leões de Castella facilmente fizeram preza d'este pobre paiz, quebrado das forças moraes e physicas, atraiçoado e vendido por muitos dos seus proprios filhos.

Entre os muitos males e vexames que nos trouxe a usurpação de Filippe II, avulta como um dos maiores ver-se de improviso Portugal e suas vastas possessões de além-mar alvo dos ataques de todas as nações inimigas de Castella.

Pouco se importavam os nossos oppressores que os inglezes, os francezes e os hollandezes, que tanto nos respeitaram em quanto soubemos manter a nossa independencia, nos affrontassem, e nos expulsassem da Asia, da Africa e da America. Antes se regozijavam, porque assim se ia abatendo de dia para dia, cada vez mais, o espirito publico d'esta nação, que, por mui alto subir, attrahiu sobre si as invejas de todo o mundo.

Não viam, porém, do mesmo modo o que se passava n'esta orla de terra do extremo occidental da Europa. Para aqui estavam sempre voltados os seus olhos attentos, ciosos e vigilantes, como os do abutre, que seguem um a um todos os movimentos da sua preza, e de quem pretende arrebatar-lh'a. Assim, procuravam com diligente assiduidade pôr os portos de Portugal ao abrigo de qualquer tentativa inimiga, menos pela defesa do reino, que para obstar a que viessem os inimigos de Castella auxiliar-nos como amigos na restauração da nossa liberdade.

Portanto, depois de tratarem do augmento das fortificações da barra de Lisboa, e ao mesmo tempo que se levantavam novas fortalezas para defesa de outros portos, ordenou Filippe III que se construisse um castello na foz do rio Douro.

Fez-se, com effeito, a fundação. O logar para ella escolhido não podia deixar de ser o mesmo em que se achava o hospicio e templo de S. João, e assim ficaram estes no interior da fortaleza.

Apesar de ter a peito estas e outras obras de egual natureza, a Hespanha andava n'esse tempo tão afadigada e preoccupada com as guerras de Hollanda e de Italia, que todos os trabalhos publicos em Portugal deixava caminhar vagarosamente. Pressa só a sabia ter quando se tratava de extorquir a este pobre paiz dinheiro, armas, e gente para ir engrossar as fileiras de seus exercitos, que se rareavam debalde, sem poder segurar as partes da monarchia hespanhola que se iam separando.

D'est'arte se achavam muito atrazadas as obras do castello da Foz, quando rebentou em Lisboa, no 1.º de dezembro de 1640, o grito de liberdade, que, resoando instantaneamente por todo o reino, nos restituiu a independencia e rei portuguez na peessoa do oitavo duque de Bragança.

Logo que el-rei D. João IV cingiu a coroa, foi seu primeiro cuidado armar o reino para a defesa contra tão poderoso inimigo. D'este modo se activaram os trabalhos no castello da barra do Douro, até que em breve se concluiram, ficando com quatro baluartes, um revelim, e largos e profundos fossos do lado da terra. Guarneceram-n'o com dezoito peças de artilheria, doze de bronze e seis de ferro; e do orago da egreja recebeu a invocação de *castello de S. João da Foz*.

Os marquezes de Fontes, titulo que depois foi mudado no de Abrantes, gozavam da regalia de nomear, com approvação del-rei, os governadores d'esta fortaleza, a cujo cargo correspondiam grandes proventos, pois que todos os navios nacionaes e estrangeiros, e embarcações costeiras, que entravam ou saiam a barra do Douro, pagavam certa quantia ao governador, segundo a naturalidade e lotação dos mesmos navios e embarcações. Até os barcos de pesca de quaesquer portos do reino, que fossem ao Douro pescar ou vender peixe, pagavam os emolumentos em especie, entregando os pobres pescadores ao governador as melhores peças de pescado que tinham no barco.

Com o correr do tempo, e pela visinhança de um grande centro de população e commercio, como já era então a cidade do Porto, foi crescendo o logar de S. João da Foz, de sorte que no principio do seculo passado contava 730 fogos e 1:508 moradores.

Todavia, não obstante este desenvolvimento, não passava de uma terra de pescadores, com as suas casas todas de pedra e cal, porém terreas, salvas poucas excepções, e estas tambem de modesta apparencia.

O engrandecimento e belleza que hoje apresenta deve-os aos banhos do mar; e datam, por conseguinte, d'este seculo, em que similhante uso se tem generalisado pouco a pouco, até se converter em moda.

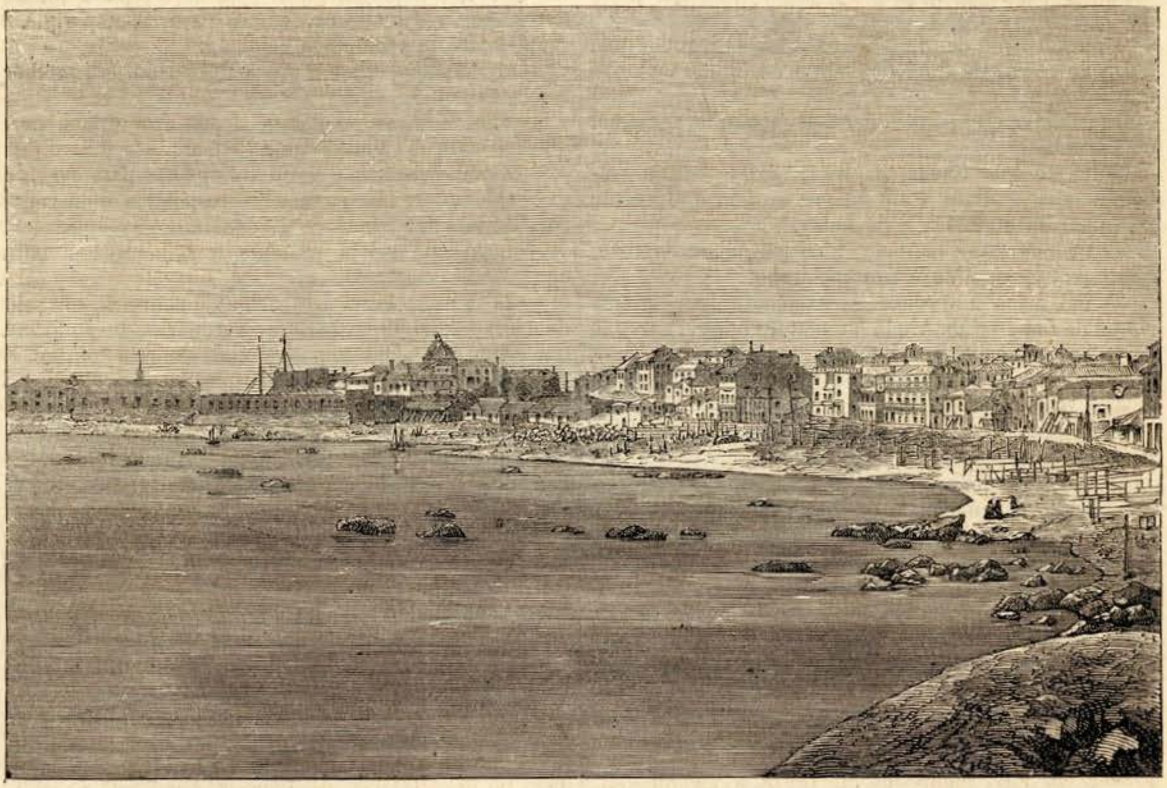
Durante o memoravel cêrco do Porto, em 1832 e 1833, padeceu grandes vexações o logar de S. João da Foz. A importancia d'este ponto para a segurança

da cidade, cuja subsistencia lhe vinha do mar, desembarcando furtivamente de noite, e debaixo de um vivo fogo de artilheria, essa importancia, dizemos, fazia alvo tanto o castello de S. João da Foz como toda a povoação do fogo incessante das baterias inimigas, collocadas no cabedello, e na margem do sul do Douro. E, finalmente, no dia 4 de março de 1833, foi accommettida por forças consideraveis do exercito sitiador do Porto, pelejando-se ahi uma das mais rijas e mortiferas batalhas d'aquelle cêrco, da qual saíram vencedoras as armas constitucionaes.

Acabada a lucta, o logar de S. João da Foz mostrava, como a visinha cidade, aspecto geral de ruina e desolação. Em breve, porém, ambas as povoações se restabeleceram das feridas da guerra no regaço da paz e da liberdade. Ambas surgiram d'entre as suas ruinas muito mais bellas que d'antes.

S. João da Foz viu desde essa epocha levantarem-se todos os annos muitas casas de bom prospecto, melhorarem-se e illuminarem-se as suas ruas, arborisarem-se passeios, abrir-se uma communicação com a cidade junto á margem do Douro, fazendo-se recuar para esse fim, á força de fogo, a serra da Arrabida, que se entranhava no rio; e outros diversos melhoramentos que a constituem hoje em dia uma das mais lindas, commodas e concorridas estações dos banhos do mar de todo o reino.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.



S. João da Foz

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

I

Sigam-me com os olhos do pensamento ás margens do Cadágua, ás margens mais bellas d'aquelle espumoso, fresco e cristallino rio, que são as que ostenta orgulhoso desde que perde de vista o seu valle nativo de Mena, até que entra no Nervion logo que percorre cinco legoas, como se fosse castigado pela pressa com que se afasta do valle.

Sigam-me com o pensamento até ao concelho de Guenes, um dos mais pittorescos das Encartações, que escolhi para theatro de um dos meus contos *mais dolorosos*, e, portanto, *menos rosados*.

Corre pelo fundo do valle, como alma que vae para o inférno impellida pelo demonio, o desenfreado Cadágua; e ao norte e ao sul levantam-se altissimas montanhas, em cujas faldas alvejam algumas casas á sombra de carvalhos e castanheiros.

Em uma das collinas que dominam a egreja parochial de Santo Isidro, e que, por assim dizer, formam os primeiros degraus dos Somos (nome que se dá ás montanhas do norte), havia nos principios d'este seculo uma casa conhecida pelo nome de Echederra.

Correspondia verdadeiramente áquella casa a denominação de Casa-Formosa, que não é outra a significação do seu nome vasconço.

Levantava-se a casa, alva como bola de neve caída da montanha, entre bosques de nogueiras e cerejeiras; e nas espaldas estendia-se uma porção de geiras de terra cuidadosamente lavrada.

Formosas parreiras cercavam o muro da herdade, e louçãs macieiras e pereiras lhe davam especial encanto. A situação da herdade de Echederra não podia ser mais pittoresca: das janellas da casa descobriam-se, através da ramagem do arvoredo, as duas margens do Cadágua, na extensão de duas legoas, e o regato que, descendo dos Somos, serpenteava entre as nogueiras e as cerejeiras, sempre limpo como a prata e fresco como a neve.

Corriam os ultimos dias do mez de junho.

Estavam os moradores de Echederra, ao declinar da tarde, apanhando as cerejas no campo contiguo ao da herdade.

— Cautela, Ignacio, não cáias, que mais vales que todas as cerejas do mundo, dizia uma mulher edosa a um moço de dezeseis annos, que, trepado á arvore, descia de ramo em ramo para lhe dar um cesto de cerejas.

— Não tenha cuidado, minha boa mãe; bem conheço o terreno, respondeu o moço.

— Estarias então bom para arlequim.

A aldeã despejou o cesto em outro maior que estava ao pé da arvore.

— Desce, desce, accrescentou dirigindo-se ao moço; já está cheio o cesto grande. Teu pae e teu irmão encheram tambem os d'elles.

O moço desceu da cerejeira de um salto.

Outro mancebo, parecendo ter mais quatro ou cinco annos, saltava ao mesmo tempo de uma das cerejeiras immediatas, em cujo pé estava um homem mui entrado em annos.

Estes dois ultimos tomaram, cada um de seu lado, um cesto de cerejas, e foram reunir-se com os primeiros.

Pouco depois sentaram-se todos a descançar junto das cerejeiras.

O ancião tirou da algibeira exterior da jaqueta uma bolsa de coiro, da qual fez sair o cachimbo de gesso que levou á boca.

O mancebo, que parecia ser o primogenito, fez egual operação.

— Dá-me que fumar, Baptista, porque se me acabou o tabaco, disse o ancião procurando inutilmente no fundo da algibeira e da bolsa.

— Acabou-se-me tambem, meu pae, disse Baptista, que havia já enchido o seu cachimbo.

— Não dizes a verdade! — exclamou Ignacio com signal de indignação. Ainda hontem te comprei e trouxe de Bilbao uma quarta de tabaco...

— Has de ser sempre fallador.

— E tu sempre egoista.

— A minha vontade era... Demais, quem quer tabaco que o compre.

— Não te envergonhas?...

— Deixa-o, Ignacio, disse o ancião, guardando o cachimbo tristemente resignado. Deixa-o, porque bem sabemos os de casa o que devemos esperar de teu irmão.

— Martinho! — exclamou a anciã, esse é o mau filho que nos tirará a vida; esse...

— Cala-te, Maria, interrompeu-a Martinho. Gosto muito de tabaco, porém gosto mais de socego.

— Se não temos socego, vossemecê terá ao menos tabaco, disse Ignacio dirigindo-se a correr para casa.

Voltou dois minutos depois, trazendo nas mãos uma porção de tabaco.

— Aqui está, meu pae, disse, eu não fumo, porém, sei que vossemecê padece muito quando não tem tabaco; e hontem, comprando-o para Baptista, lembrei-me de comprar tambem uma quarta com o fim de tél-a de reserva para algum caso como o que se deu hoje.

— Sim, sim, replicou Baptista, talvez o sisasses ao meu.

— Não me apures a paciencia, Baptista. Julgas todos por ti, e enganas-te!

— São tão ruins as tuas acções como os teus pensamentos, disse Maria dirigindo-se a Baptista.

— Deixemo-nos d'isso, acabemos com essas historias, disse o pacifico Martinho, saboreando o fumo do cachimbo com a delicia que comprehenderão todos os que fumam.

Recordo-me de um exemplo com que minha mãe, que Deus haja, procurava afastar-me d'aquelle vicio, se é que merece o nome de vicio o uso do tabaco, que proporciona até ao mais pobre um dos maiores gozos da vida, sem prejudicar (com perdão dos medicos... que não fumam) a saude nem a algibeira.

— «Teu avô, me dizia ella, era o homem mais pacifico e bondoso do mundo; os trabalhos não lhe tiravam a jovialidade; mas, quando não tinha tabaco, era a casa um inferno, e não havia consolação para elle. Ninguem o via enfadonho nem triste quando estava cheio o cachimbo.»

Inuteis conselhos! O neto, torcendo a moralidade do exemplo, disse para comsigo: «Logo que meu avô era tão apaixonado do tabaco, o tabaco deve ser coisa boa.» E com os primeiros cobres que tive comprei uma onça de tabaco e um cachimbo, fui-me ao bosque proximo, e alli prestei culto ao idolo de meu avô, até que fiquei narcotisado como um fumista de opio. Se meu avô levantasse a fronte do sepulchro, dir-me-hia: «Muito bem, meu querido neto! Estou satisfeito de ti, porque respeitas as tradições da nossa geração.»

Restabelecêra-se a paz entre a familia de Martinho. O sol occultára-se inteiramente, e, ainda que o dia fosse calmoso, era deliciosa aquella hora.

— Ceiaremos d'aqui a pouco, disse Martinho, e deitar-nos-hemos depois, porque ámanhã ha que levantar cêdo para que cheguem com as cerejas a Bilbao antes que o sol aqueça. Vamos para casa, porque a Joanna terá já prompta a ceia.

— Ó Martinho, disse a aldeã ao marido, era melhor ceiarmos aqui.

— Sim, sim, responderam o pae e os filhos, porque em casa faz muito calor.

— Joanna? — gritou Maria voltando-se para casa.

— Que quer, minha mãe? — respondeu uma rapariga da janella.

— Logo que esteja prompta a ceia, traze-a para aqui, onde ceiaremos.

— Já lá vou, disse a rapariga; e pouco depois saiu de casa e dirigiu-se para as cerejeiras, levando em um crivo um tacho com sardinhas coberto com guardanapo alvissimo, e uma brôa fresca e amarella como oiro.

Joanna era uma rapariga de dezoito a vinte annos, risonha como manhã de S. João, e córada como rosa. Estendeu o guardanapo ao pé de uma arvore, e collocou o tacho com as sardinhas na improvisada mesa, cercando-o de fatias de brôa com certa symetria; e logo que Martinho abençoou a mesa, a familia começou a ceiar no meio da conversação alegre e pacifica.

— Vamos alliviando do peso as cerejeiras, disse o ancião, e sinto-o por causa do sr. D. José.

— D. José, replicou Baptista, não sentirá muito; mais sentirão os passaros.

— Quando se acabarem as cerejas, não virá o sr. D. José todas as manhãs, depois de dizer missa, atirar da nossa janella aos tordos e picanços... são malditos de cozer! Acodem em bandos ás arvores, ainda que n'ellas estejam espantalhos.

— Já que se fallou do sr. D. José, disse Maria, porque não terá vindo esta manhã?

— Porque foi a Castro ao encontro de seu sobrinho, que vem da America, respondeu Martinho.

— Então vem hoje o sobrinho? Alegra-me bastante, porque talvez nos possa dar noticias de teu irmão.

— Deus queira que nol-as dê! Causa desgosto não ter sabido de meu irmão desde que nos escreveu do Mexico ha tantos mezes. Receio que tenha morrido, pois se estivesse vivo não deixaria de escrever-nos.

— Tambem julgo, Martinho. E não se diga que nos quer mal, porque a ultima carta que nos escreveu não podia revelar maior carinho.

— Podia tél-o já levado a breca! — disse Baptista.

— Jesus! meu Deus! — exclamou Maria. Que alma tens, filho!

— Que nos importa que viva ou que não viva, se nunca nos manda um real?

— O que eu quero é que viva, replicou Martinho, embora tenha a fortuna de Monte-Christo e não nos mostre sequer os cunhos do seu dinheiro.

— Então, Mattheus, o sobrinho do sr. D. José vem do Mexico? — perguntou Joanna.

— Não sei, respondeu sua mãe; mas creio que sim, porque vem da America... e dizem que traz bastante dinheiro.

—Alegro-me pelo sr. D. José, que é tão boa pessoa! —exclamou Martinho.

—Olhem! —disse Baptista, lá vem elles pelo bosque! Sim, sim, alli vem D. José; é fallar no mau e...

—Cale-se, herejc, interrompeu Maria. Pois não dá nome tão feio ao sr. D. José!

(Continua)

CARTAS A UMA SENHORA

AEROLITHOS

(Conclusão. Vid. pag. 251)

IV

Logo que os aerolithos cáem em terra são pertença do homem. É herança que vem do ceo, e que toca a todos. De muitos bolides ha noticia que pelo seu volume e riqueza de minerios são muito lucrativos aos habitantes. Pallas observou um aerolitho na Siberia que pesava 700 kilogrammas. No Brasil caiu em tempos um aerolitho que pesava 6:000 kilogrammas. Segundo o sr. Beudant, ha em Olimpa, no Tucuman, uma massa de 14:000 kilogrammas, e uma outra de 19:000 kilogrammas no Duranzo. Nos confins orientaes da Asia, junto ás nascenças do rio Amarello, ha uma collina aerolithica, que os mongoles chamam *rocha do Polo*, e na Dalmacia caiu um bolide em 1751, que pela sua grandeza é admiração dos viajantes.

Não pense v. exc. que todos os aerolithos cáem inflammados na terra; antes é certo que caiu ha poucos annos um em Pendjab, que gelava as mãos dos que quizeram levantal-o.

Explica-se este phenomeno natural, admittindo que aerolithos, sempre terrosos, atravessam os espaços interplanetarios, cuja temperatura desce 150° abaixo de zero.

Como são maus conductores do calor, podem os bolides terrosos chegar frigidissimos á terra. É claro que os bolides metallicos sempre chegam incandescentes.

A composição e contextura dos aerolithos variam immensamente, e fôra difficil descrever todos os estados em que se pódem apresentar.

Ha meteorites *carbonosos*, como o de Orgueil, e mais dois que se conhecem: ha-os *pedregosos*, *terrosos*, *metallicos*, e póde-se dizer que todos os aerolithos participam d'estas substancias.

O aspecto geral é analogo para todos. São revestidos exteriormente por um esmalte brilhante, produzido pela temperatura muita elevada que soffreram quando atravessaram a atmosphera. Esta camada é muito delgada, e a estructura interior é granulosa, com um aveiado phantastico e irregular comparavel com os hieroglyphos do Egypto. As granulações são umas vezes muito miudas, outras bastante grossas e envoltas por uma materia terrosa, sendo o conjuncto similhante ao grés. As granulações são quasi sempre cristallinas, e córadas de differentes laivos. O metal que mais abunda é o ferro no *estado nativo* ou puro, e quasi sempre combinado com o *nickel*. Outras vezes o ferro é magnetico, por ser muito attrahido pelo iman.

V

Descriptas as feições principaes e as circunstancias que acompanham a quéda das estrellas cadentes, é natural investigar quaes as causas do phenomeno. E nem este estudo seria proficuo se eu não relatasse a v. exc., com a maxima brevidade, as diversas hypotheses que hão sido aventadas.

Que os aerolithos são de origem cosmica, desnecessario é repetir, depois do que acima disse. Que a opinião de alguns philosophos gregos, que diziam que os meteorites provinham de exhalações terrestres, é completamente absurda e inacceitavel, tambem me parece fóra de qualquer dúvida.

Qual será, pois, a causa do phenomeno? qual a força que o produz? qual a sua origem verdadeira? quaes as energias naturaes actuantes?

Muito e muito se tem escripto e discutido sobre este ponto, e por ventura a sciencia não lavrou ainda a derradeira sentença. A principio, quando após os trabalhos de Chladni e investigações de Biot, começaram os espiritos mais cultos a estudar este assumpto, quizeram alguns, fundando-se em razões mecanicas e physicas, que os aerolithos, qualquer que fosse a sua materia, fórma e aggregação, proviessem sempre da lua. O nosso satellite, diziam elles, está todo cravado de volcões activos, enormes respiradoiros por onde se esvaem, em fumo e lavas ardentes, as demasias da actividade interior. São esses volcões que arrojam para a terra os aerolithos, e o satellite enriquece, á custa da propria substancia, o planeta, assim como os antigos servos da gleba enriqueciam o senhor feudal. Calculou-se que o esforço necessario para que um projectil lunar galgasse o limite da attracção, era apenas o dobro do que arremessa a bala que sae dos maiores canhões. Logo que essas enormes descargas ultrapassem a esphera da attracção da lua, a força que as solicitava compunha-se com a attração terrestre e ellas viriam circular em volta da terra descrevendo ellipses, assim como os planetas em torno do sol, podendo acontecer outras vezes que viessem encontrar a superficie do nosso globo.

A explicação foi acceitada e pareceu orthodoxa; congregaram-se, porém, novos observadores, appareceram outros factos importantissimos, que saíam da alçada da hypothese volcanica. É hoje incontroverso que ha uma especie de maré de meteoros que illuminam o ceo em epochas diversas do anno, obedecendo estas apparições a uma certa lei periodica, que ainda não está bem determinada.

Conforme v. exc. póde ver na gravura, ha noites no anno em que as estrellas cadentes cruzam o firmamento aos milhares, como se fossem lagrimas de um foguete immenso e invisivel.

Olmsted e Palmer descreveram uma chuva de estrellas cadentes, que observaram na America em a noite de 12 para 13 de novembro de 1813. Despenhavam-se como frocos de neve, e o numero das que caíram durante nove horas a fio, em uma só estação, foi avaliado, muito pela rama, em mais de 200:000. Como que ia grande festa no ceo, e o horisonte parecia a base de uma cúpula incendiada. As estrellas cadentes brilhavam e empallideciam as estrellas verdadeiras e fixas; todas as côres e cambiantes resplandeciam n'aquelle kaleidóscopo luminoso; os bolides não faltaram ao convite, e no fundo do firmamento, como um remate esplendido, fulguravam de quando em quando uns listões phosphorecentes. Em 1799, na mesma epocha do anno, presenciára Humboldt em Cumana um espectaculo quasi tão brilhante. Em 1823 e 1832 egual phenomeno, posto que em muito menores proporções, se viu na Europa, e continuou a ver-se até aos fins de 1842, deslocando-se o dia da apparição até aôs fins de outubro, a tempo que o espectaculo se foi tornando mais exiguo, até se sumir de todo.

Não acontece, porém, o mesmo com outra data, que até hoje tem sido inalteravel.

A noite de 10 de agosto, ou, antes, o periodo entre 9 e 11, é sempre assignalado por uma chuva de estrellas cadentes, em qualquer parte da terra. Segundo Eduardo Biot, já os astronomos chinezes tinham observado, ha mais de dez seculos, chuvas de estrellas cadentes, n'esta data, e durante muitos annos sem interrupção.

Em alguns pontos da Europa, e não sei se em Portugal, a tradição popular chama ás estrellas cadentes *lagrimas de S. Lourenço*, e esta tradição piedosa está indicando a periodicidade do phenomeno. Dizem Her-

rick e Arago que, segundo uma tradição antiga da Thessalia, nos valles que dividem os rijos cabeços que rodeiam o Pelion e o Ossa, o ceo parece rasgar o manto que lhe encobre as profundezas, e apparece, em a noite de 6 de agosto, festa da Transfiguração, como um templo illuminado cujas portas se descerrassem de repente. Poetica e singular coincidencia!

Estas as tradições que a observação scientifica tem confirmado completamente.

Sir John Herschel, em uma carta ao sr. Quetelet, diz o seguinte:

«... Em quanto á questão da origem d'estes phenomenos, interior ou exterior á nossa atmosphera, estou que é necessario admittir uma origem cosmica. Não vejo outra explicação admissivel da persistencia do ponto da irradiação, e da recorrencia tão regular no mesmo dia do anno, que não seja o encontro da terra com um annel que circule em volta do sol. Muito fica por *explicar* com esta *explicação;* satisfaz, porém, ás duas grandes condições do problema............

«Pelo que respeita á grande elevação acima da terra, vejo-me obrigado a *suspeitar* de uma especie de atmosphera superior á atmosphera aérea, mais ligeira e como que mais *ignea.*»

A atmosphera superior, mui pouco densa, é chamada *immovel* pelo sr. Quetelet, e a inferior é a *movel.* Aquella, favoravel á inflammação e brilho das estrellas cadentes, não é necessariamente da mesma natureza que esta em que vivemos.

O sr. Faye, de quem tantas vezes tenho fallado a v. exc., explica estas apparições astronomicamente. A terra, na sua passagem pelo annel de corpos quaesquer que giram em volta do sol, apodera-se, pela força attractiva, de grande numero d'esses corpos, que se transformam em verdadeiros satellites. Este provimento vae-se queimando na atmosphera no correr do anno, e precipita-se no sol. Durante a circulação, podem alguns meteorites passar isolados, como os que vemos todas as noites; outros, agrupando-se, aproximam-se ou afastam-se, segundo a posição da sua orbita, e dão logar ás apparições mais regulares, cuja periodicidade acaba passados annos. Esta hypothese tambem explica a apparição das chuvas de meteoros que, segundo o sr. Faye, são um verdadeiro *mysterio.*

Mas não pára aqui a magia sublime da natureza fecunda. Além dos bolides que sulcam a atmosphera com os seus globos de fogo; além das estrellas cadentes; além de todos esses meteorites, ha os corpusculos cosmicos, poeiras quasi impalpaveis ás vezes, e que gravitam no espaço obedecendo ás mesmas leis de vida que regem os maiores planetas. Mas que importa que a propria natureza estatúa a egualdade? Os pequenos são sempre absorvidos pelos maiores, e os corpusculos são tragados pelos planetas que, caminhando radiosos pelas orbitas fataes, são como os rios que recebem na sua corrente magestosa a lympha solitaria dos bosques.

A poeira cosmica é immensa, e, segundo o sr. Reichenbach, não ha ponto da terra que possa considerar-se isento d'aquella chuva constante. Além das analyses chimicas do barão de Reichenbach, ha observações directas, ha mil tradições que attestam chuvas de poeira cosmica [1].

Tudo se move no immenso imperio da creação, e, desde o atomo infimo até á estrella gigante, só ha vida onde ha movimento.

VI

Já vae porventura demasiado longa esta carta, e, comtudo, quizera fechal-a com chave de oiro, já que foi aberta com chave de ferro. Que maiores nomes poderei citar, do que Humboldt e Tyndall? Que paginas mais inspiradas, mais cheias de uncção scientifica, do que as que saíram das magicas pennas d'estes dois grandes homens?

Falla assim Humboldt:

«Ver o movimento surgir subito na calada da noite, e turvar um instante o placido brilho da abobada estrellada; seguir com a vista o meteoro que cae e desenha no firmamento um trajecto luminoso, não é pensar nos espaços infinitos por toda a parte cheios de materia, e por toda a parte vivificados pelo movimento? Que importa a pequenez extrema d'esses meteoros, aonde se encontra, ao lado do enorme volume do sol, atomos, como Ceres, e o primeiro satellite de Saturno? Que importa o seu desapparecimento subito, se um phenomeno de outra ordem, a extincção d'essas estrellas que brilharam de repente em Cassiopéa, no Cysne e no Serpentario, nos obrigou já a admittir que podem existir nos espaços celestes outros astros além dos que estamos vendo sempre? Sabemos agora que as estrellas cadentes são aggregações de materia, verdadeiros asteroides que circulam em volta do sol, atravessam como os cometas as orbitas dos grandes planetas, e brilham perto da nossa atmosphera, ou pelo menos nas ultimas camadas.

«Isolados em o nosso planeta de todas as partes da creação que não ficam comprehendidas nos limites da atmosphera, não estamos em communicação com os corpos celestes senão por intermedio dos raios tão intimamente unidos da luz e calor, e d'essa mysteriosa attracção que as massas longinquas exercitam em o nosso globo, nos nossos mares, e até nas camadas do ar que nos rodeiam. Mas se os aerolithos e as estrellas cadentes são realmente asteroides planetarios, altera-se o modo de communicação, torna-se directo e como que se materialisa.

....

«Tal é o unico movimento cosmico que póde pôr o nosso planeta em contacto com as outras partes do universo.

....

«Assim é que a sciencia põe em jogo na nossa alma as molas secretas da imaginação e as forças vivas do espirito, quando o vulgo não vê n'esses phenomenos senão faiscas que se accendem e apagam, e n'essas pedras anegradas, caídas com fragor do seio das nuvens, senão o producto grosseiro de uma convulsão da natureza [1].

Tyndall, no seu magnifico livro sobre o calor, depois de apresentar as diversas theorias que explicam a persistencia do calor solar, diz:

«Outra theoria ha que, por ousada que pareça á primeira vista, merece, comtudo, a nossa particular attenção (theoria meteorica do calor solar). Os espaços solares são povoados de corpos ponderaveis; a celebre proposição «que ha mais cometas no ceo do que peixes no mar», deduz-se de que só uma pequena parte do numero total dos cometas pertencentes ao nosso systema são avistados da terra. Mas além dos cometas, dos planetas e dos satellites ou luas, ha uma classe numerosa que pertence ao nosso systema, qual é a dos asteroides, que, pela sua pequenez, podem ser considerados como atomos cosmicos [2].»

Estes asteroides são os bolides e estrellas cadentes que, em virtude de certos phenomenos já astronomicos, já physicos, vão-se conchegando cada vez mais até que cada anno milhões e milhões de *atomos cosmicos* caem no sol, e são os gravetos que alimentam o immenso luzeiro planetario.

Pedindo agora desculpa a v. exc. por não citar, como quizera, mais alguns excerptos do grande Tyndall, ouso esperar da sua bondade que desculpe as fallencias de quem é — de v. exc. servo e admirador.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Vid. Arago, *Astronomie Populaire.*

[1] *Cosmos*, trad. fr. de Faye, vol. I, pag. 151.

[2] *La Chaleur considerée comme un mode de mouvement*, por John Tyndall, trad. fr. de l'abbé Moigno, pag. 415.